

AVALIAÇÃO PRELIMINAR DA UTILIZAÇÃO DE MADEIRA DE ESPÉCIES NATIVAS DA CAATINGA EM PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA

Clóvis Eduardo de Souza Nascimento

M.Sc. Pesquisador EMBRAPA Semi-Árido, Petrolina-PE

A caatinga tem sofrido nas últimas décadas forte processo de exploração indiscriminada do componente arbustivo-arbóreo das espécies nativas, que tem sido provocada por ações de intervenção antrópica, tais como agricultura, extração de madeira para fins diversos, a produção de carvão, etc, causando degradação e redução da vegetação nativa dessa região. O presente trabalho foi desenvolvido com a finalidade de conhecer as espécies utilizadas para a produção de energia nas áreas urbanas das duas cidades, bem como a quantidade consumida de madeira e a finalidade de uso. No levantamento, ainda preliminar, foram identificadas as seguintes fontes consumidoras e a respectiva quantidade de lenha gasta por mês: indústrias (biscoito, refrigerante, óleo) (8.770 mst), curtume (1.350 mst), cerâmica (450), olaria (256 mst), panificadora (73 mst) e pizzaria (10 mst). O registro do consumo de lenha por artesanato e torrefação ainda não foram contabilizados. As espécies mais frequentes para o consumo de lenha foram: jurema preta (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.) com 75%, catingueira (*Caesalpinia* sp.) (58%), baraúna (*Schinopsis brasiliensis* var. *brasiliensis* Engl.) (50%), umburana de cambão (*Commiphora leptophloeos* (Mart) J. B. Gillett.) (50%), angico (*Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenan) (42%), sete cascas (*Tabebuia spongiosa* Rizzini) (33%), imbiruçu (*Pseudobombax simplicifolium* A. Rolym J.) (8%) e faveleira (*Cnidoscolus phyllacanthus* (Muell. Arg.) Pax. & K. Hoffm.) (8%). Na região as espécies aroeira (*Myracrodruon urundeuva* (Engler) Fr. All.) e umbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda) são proibidas pelo IBAMA para comercialização como lenha. Mesmo considerando a necessidade de uso de lenha de espécies nativa os consumidores ressaltaram alguns problemas enfrentados, dentre os quais a dificuldade de aquisição do material devido a própria fiscalização do IBAMA; qualidade da lenha quanto ao poder calorífero e teor de umidade adequado; distância e dificuldade de aquisição; aumento de mão-de-obra; escassez do produto no período chuvoso; limitação, sujeira e presença de insetos, cobras, etc., no ambiente de armazenamento; poluição do ar; riscos de incêndios.

E-mail: clovisen@cpatsa.embrapa.br